

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DANIELA RAMIRES POLICARPO

MÃE SER-VIL:

Discursos de Maternidade

Porto Alegre

2021

DANIELA RAMIRES POLICARPO

MÃE SER-VIL:

Discursos da Maternidade

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel em psicologia.

Orientadora: Carolina Reis

Porto Alegre

2021

Agradecimentos

Aos meus filhos, Lorenzo e Valentin, pois da infância deles cursei a Psicologia, por toda empatia, companheirismo e amorosidade. À minha mãe que me precedeu nessa linha do tempo da maternidade. À Ju, que me fez mãe antes de sê-lo. À Andrea que escutou todas as minhas dúvidas existenciais e me incentivou a continuar caminhando. À Ori e à Carol que me deram possibilidades de (r)existir na Universidade quando tudo se tornou desafiador demais. Ao Henrique, que tornou meus últimos anos de formação mais doces e macios.

Resumo

Esta escrita parte de um autorrelato da maternidade em busca dos enunciados que se acumulam pra que esta experiência se configure nas condições de possibilidade em que é produzida a configurar. Através de linhas discursivas que se inscrevem sobre o corpo da mulher-mãe, o dispositivo de maternidade opera um assujeitamento antes de tudo político. Esta escrita costura as noções de produção de subjetividade, biopolítica e dispositivo materno, articulando-as com experiências próprias, tecendo uma análise crítica sobre a ausência da interpelação do pai no cuidado dos filhos e o papel prescritivo da psicologia quanto à maternidade, debatendo a atuação da psicologia na construção da maternidade como ciência e criação de especialistas que tudo sabem sobre o bebê.

Palavras-chave: maternidade; dispositivo; feminismo; biopolítica, produção de subjetividade.

Introdução

O corpo é investido de uma série de discursos, que sobre ele operam, fazendo-o campo de relações de poder, engendrados através de um “saber”. Os saberes histórico, médico, “psi”, entre outros, entrecruzam-se, formando um saber-poder que resulta em possibilidades de existência algo uniformizadas, ou ainda pasteurizadas. Este trabalho parte desta perspectiva para discorrer sobre estas condições de possibilidade discursivas incidentes sobre o corpo da mulher-mãe.

Inicialmente utilizando-se do autorrelato - como um diário de campo da maternidade em meio à pandemia, buscando uma estética caótica, com discursos entrecortados e sem pausa, conglomerando atividades acadêmicas, afazeres domésticos, o cuidado com as crianças e sua escolarização, na tentativa de proporcionar ao leitor uma imersão nessa atmosfera de não-interrupção, de não-divisão de espaço-tempo entre as atividades. Pretendendo-se privilegiar uma conexão de saberes e a não-hegemonia do saber acadêmico, não somente por perspectiva epistêmica, mas como forma de recortar os efeitos do dispositivo de maternidade na sociedade como um todo, para tanto utilizando-se de postagens em redes sociais e matérias de jornal.

Em um segundo momento analisando a maternidade a partir da lógica discursiva biologicista que localiza a mulher como cuidadora abnegada a partir de uma aptidão natural, realizando uma análise desta modulação histórica frente à subjetivação capitalística. Atentando-se à ausência de um discurso que convoque o homem-pai ao mesmo cuidado, à mesma capacidade mítica de amar, à habilidade de dividir-se entre trabalho produtivo e reprodutivo.

Por fim se questionando-se a produção de saber psicológico como ferramenta deste discurso, que culpabiliza a mãe e coloca-a na posição de ser-vil, que não vale em si-mesma, mas em relação ao outro (o filho) e instrumentaliza a sua passagem de sujeito a não-sujeito, produzindo um apagamento de suas próprias questões subjetivas em razão do filho - a quem está sempre em débito.

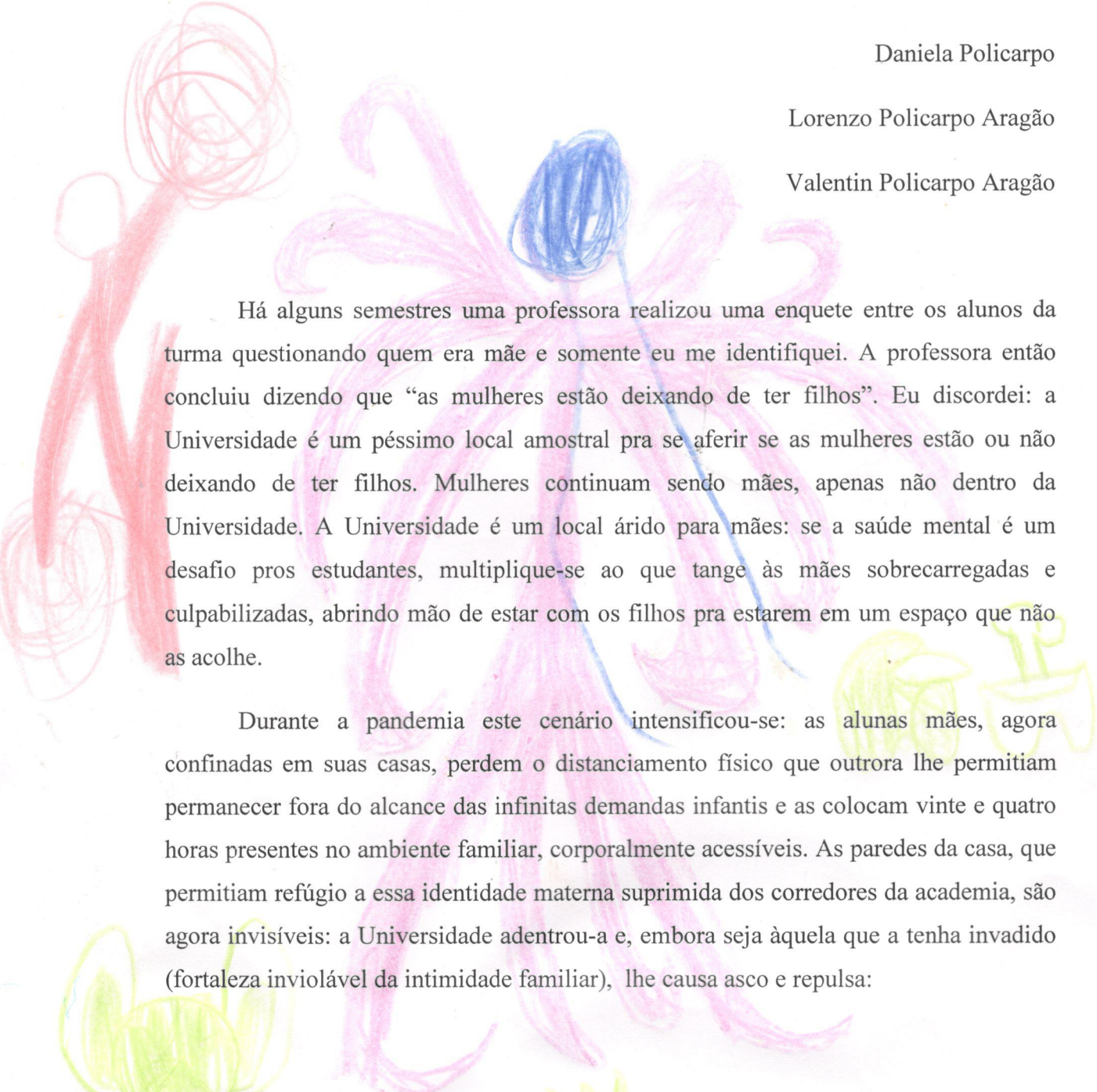
Ainda que pouco se cite a perspectiva Foucaultiana, ela se presentifica como um plano de fundo conceitual, como as lentes tridimensionais necessárias pra se assistir a um filme, emoldurando a visualização do mundo.

O estágio em Políticas Públicas (e a mãe excluída delas)


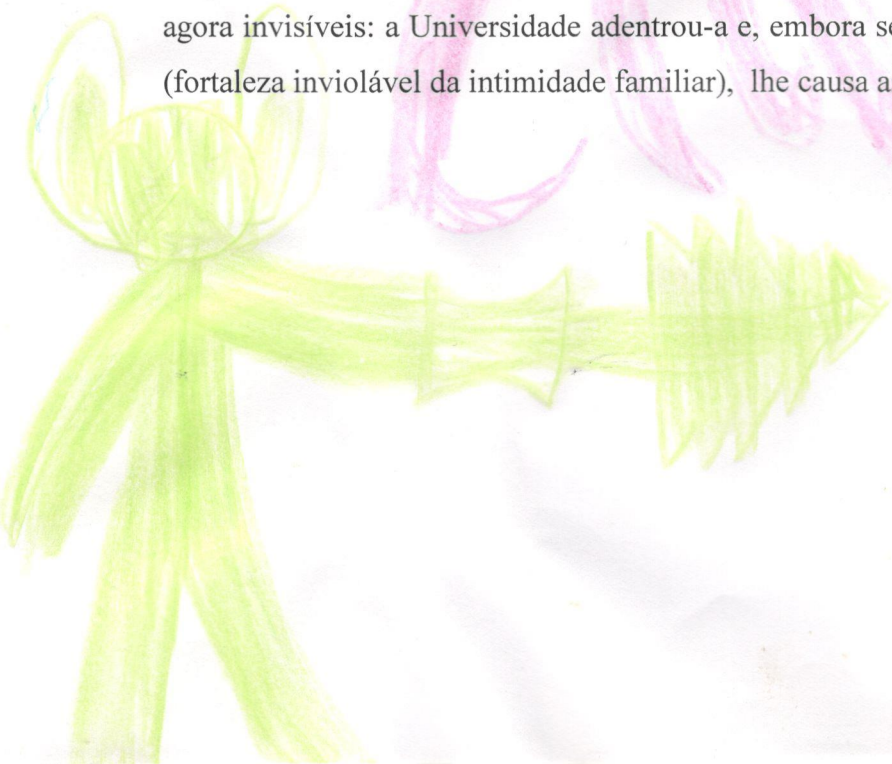
Daniela Policarpo

Lorenzo Policarpo Aragão

Valentin Policarpo Aragão



Há alguns semestres uma professora realizou uma enquete entre os alunos da turma questionando quem era mãe e somente eu me identifiquei. A professora então concluiu dizendo que “as mulheres estão deixando de ter filhos”. Eu discordei: a Universidade é um péssimo local amostral pra se aferir se as mulheres estão ou não deixando de ter filhos. Mulheres continuam sendo mães, apenas não dentro da Universidade. A Universidade é um local árido para mães: se a saúde mental é um desafio pros estudantes, multiplique-se ao que tange às mães sobrecarregadas e culpabilizadas, abrindo mão de estar com os filhos pra estarem em um espaço que não as acolhe.



Durante a pandemia este cenário intensificou-se: as alunas mães, agora confinadas em suas casas, perdem o distanciamento físico que outrora lhe permitiam permanecer fora do alcance das infinitas demandas infantis e as colocam vinte e quatro horas presentes no ambiente familiar, corporalmente acessíveis. As paredes da casa, que permitiam refúgio a essa identidade materna suprimida dos corredores da academia, são agora invisíveis: a Universidade adentrou-a e, embora seja àquela que a tenha invadido (fortaleza inviolável da intimidade familiar), lhe causa asco e repulsa:

TAA
A M



PATTO
HOMEM
RAIO

A entrada da mulher no mercado de trabalho torna-se muitas vezes onerosa e sacrificante, pois há o ingresso da mulher no campo do trabalho, mas não há o recíproco ingresso do homem no campo domiciliar, além disso, toda a sociedade ignora a sobrecarga física, mental e emocional advindas da maternidade. A mãe desdobra-se em múltiplos afazeres que não são valorizados, sequer reconhecidos socialmente: há o apagamento do ser mãe quando esta se insere no mundo laboral e acadêmico.

Diana e Mário Corso referem que:

“É como se a mulher tivesse dupla personalidade, uma face pública e uma privada que dialogam mal e tentam ignorarem-se mutuamente, como os super-heróis e suas identidades secretas. Um super-herói na vida cotidiana aparece como alguém medíocre, rodeado de pessoas que ignoram suas aventuras e poderes. Do mesmo modo, uma mulher em casa, independente dos grandes feitos realizados por ela na rua, sente, aos próprios olhos, não valer o suficiente por estar em uma dívida amorosa impagável com seu papel de mãe e esposa. Hoje, por outras vias ser mulher é



continuar sentindo-se recriminada, faltosa frente às outras. Antes pelo pouco valor público, hoje por estar em falta com demandas provenientes da intimidade familiar, ou seja, em uma valorização que agora, novamente, advém da esfera privada.”¹

Com a pandemia passamos a integrar estas duas vidas: entramos nos locais de trabalho e na Universidade inevitavelmente comunicando esta identidade materna. Dar-nos a ver é uma decisão política: pleitear um lugar inclusivo para mães dentro da Universidade é um dever, pois este espaço está longe de sê-lo. A pandemia compeliu-nos a expor essa identidade de uma forma tão visceral, que ofende: o menino tem que falar baixo e, por favor, ninguém é obrigado a ver seus seios. Há sempre a alternativa de trancar a faculdade por um semestre, afinal, se não estamos dando conta do que nos é demandado, isto é um problema individual. Falta de capacidade.

Virginie Despentes bem delineia o cenário no livro *Teoria King Kong*:

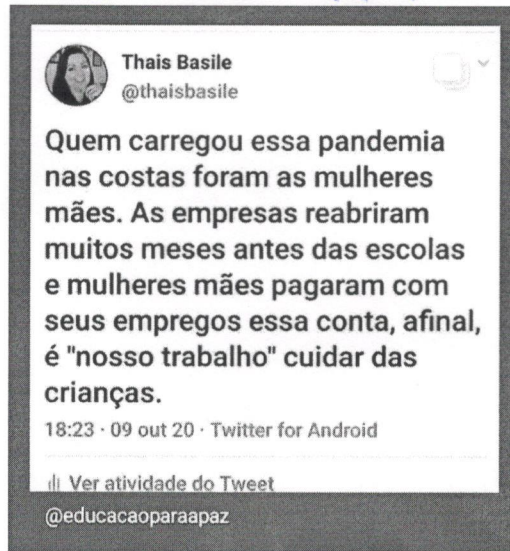
“Nessa mesma lógica, a maternidade se tornou uma experiência feminina inevitável, a mais valorizada de todas: dar vida a alguém, que coisa fantástica. A propaganda “pró-maternidade” foi poucas vezes tão martelada. Grande merda, método contemporâneo e sistemático de dupla obrigação: “Tenham filhos, é incrível, vocês se sentirão mais mulheres e mais realizadas do que nunca”, mas tenham-nos em meio a uma sociedade desajustada, em que o trabalho assalariado é uma condição de sobrevivência social, embora não seja garantido para ninguém, sobretudo para as mulheres. Deem à luz em cidades onde a habitação é precária, onde a escola afasta, onde as crianças são submetidas às mais perversas agressões mentais através da publicidade, da televisão, da internet, dos comerciais de refrigerante e de produtos do tipo. A felicidade feminina não existe sem filhos, mas criá-los em condições decentes será quase impossível. É preciso, de qualquer jeito, que a mulher se sinta

¹ Corso, Diana e Corso, Mário. *A maternidade Possível In A Psicanálise na Terra do Nunca: Ensaio sobre a Fantasia*. Porto Alegre: Penso, 2011

fracassada. O que quer que elas façam , devemos poder demonstrar que não o fizeram direito. Não há atitude correta, o fato é que nós cometemos um erro ao fazer nossas escolhas e somos tidas como responsáveis por uma falência que é, na verdade, coletiva e mista.”²

A

HISTÓRIA DO MUNDO



HÁ MUITOS ANOS EXISTIA CAOS
ELE ESTAVA SOLITARIO ENTÃO CRIOU
GAIA A TERRA E URANO O CÉU ENTÃO
GAIA E URANO SE CASARAM TIVERAM 12
FILHOS OS TITÃS ENTÃO DEU TUDO ERRADO URANO
ERA PESSIMO PAI ENTÃO GAIA TEVE MAIS 3 FILHOS
OS CICLOPES QUE ERAM MUITO FEIOS SUJOS E TINHAM
UM SÓ OLHO NESTE ENTÃO URANO OS JOGOU NO TARTARO
GAIA FICOU MUITO BRAVA ENTÃO DISSE Á UM DE SEUS
FILHOS CRONOS QUE MATASSE O PAI DEU CERTO
DAI CRONOS TEVE 6 FILHOS OS DEUSES QUE O
MATARAM

FIM

² Despentes, Virginie. Teoria King Kong. São Paulo: N-1 edições, 2016

ATIVIDADES PROPOSTAS NO PERÍODO DE ENSINO REMOTO (COVID-19)

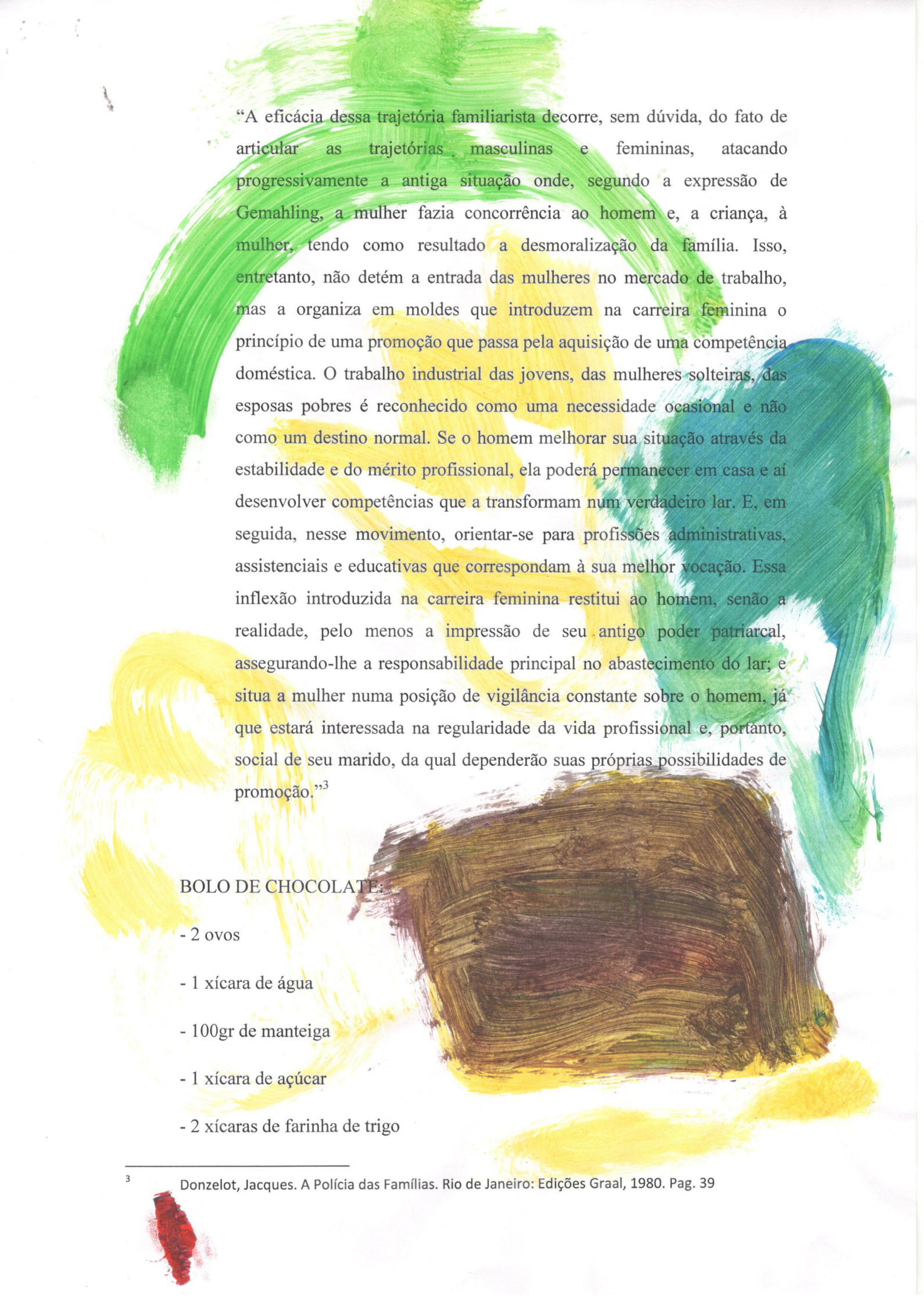
ESCREVA O NOME DE 6 BRINQUEDOS QUE VOCÊ TEM EM CASA (PODE PEDIR AJUDA DE ALGUÉM PARA ESCREVER, MAS É IMPORTANTE QUE VOCÊ ESCREVA AS LETRAS OK?)

CONTE QUANTAS LETRAS TEM CADA PALAVRA E ESCREVA O NÚMERO AO LADO. OBSERVE QUAL PALAVRA É MAIOR E QUAL PALAVRA É MENOR.

LISTA DE BRINQUEDOS

— GOGO	4
— LEGO	4
— BATATA	6
— BONECO	6
— CARRINHO	8
— GENIÃO	6

As crianças sem escola, impedidas de contato com seus pares, acumulam ansiedades, anseiam por espaço, redobram sua necessidade de atenção. Atenção daquela mãe que também tem seus próprios afazeres, que também é demandada, pressionada por prazos e aulas síncronas que coincidem inevitavelmente com as aulas dos pequenos. As políticas públicas, o direito à cidade e o TATU. TA. TU. Qual é a letra? P? Escuta o som, é TTTTA. T? Issooooo! Muito bem! É T!!! Mas qual era mesmo o livro que o Prof. sugeriu? A Polícia das Famílias!



“A eficácia dessa trajetória familiarista decorre, sem dúvida, do fato de articular as trajetórias masculinas e femininas, atacando progressivamente a antiga situação onde, segundo a expressão de Gemahling, a mulher fazia concorrência ao homem e, a criança, à mulher, tendo como resultado a desmoralização da família. Isso, entretanto, não detém a entrada das mulheres no mercado de trabalho, mas a organiza em moldes que introduzem na carreira feminina o princípio de uma promoção que passa pela aquisição de uma competência doméstica. O trabalho industrial das jovens, das mulheres solteiras, das esposas pobres é reconhecido como uma necessidade ocasional e não como um destino normal. Se o homem melhorar sua situação através da estabilidade e do mérito profissional, ela poderá permanecer em casa e aí desenvolver competências que a transformam num verdadeiro lar. E, em seguida, nesse movimento, orientar-se para profissões administrativas, assistenciais e educativas que correspondam à sua melhor vocação. Essa inflexão introduzida na carreira feminina restitui ao homem, senão a realidade, pelo menos a impressão de seu antigo poder patriarcal, assegurando-lhe a responsabilidade principal no abastecimento do lar; e situa a mulher numa posição de vigilância constante sobre o homem, já que estará interessada na regularidade da vida profissional e, portanto, social de seu marido, da qual dependerão suas próprias possibilidades de promoção.”³

BOLO DE CHOCOLATE:

- 2 ovos
- 1 xícara de água
- 100gr de manteiga
- 1 xícara de açúcar
- 2 xícaras de farinha de trigo



- 1 colher de fermento

- Meia xícara de cacau

Mistura tudo e coloca no forno em forma untada e enfarinhada. Se a reunião de estágio encerra ao meio dia e as crianças estão reclamando de fome, configura um excelente e nutritivo almoço! Não esqueçam: cacau é fruta! Mas jamais esqueça de desligar o áudio da reunião que adentra o horário do almoço enquanto faz comida, pois o barulho atrapalha este ambiente fundamentalmente livre de intervenções domésticas. Não ouse ameaçar o ideal:

“(...)o ideal de mulher branca, sedutora mas não puta, bem casada mas não nula, que trabalha mas sem tanto sucesso para não esmagar seu homem, magra mas não neurótica com a comida, que continua indefinidamente jovem sem se deixar desfigurar por cirurgias plásticas, uma mãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres de casa, boa dona de casa sem virar empregada doméstica, culta mas não tão culta quanto um homem; essa mulher branca e feliz, cuja imagem nos é esfregada o tempo todo na cara, essa mulher com a qual deveríamos nos esforçar para parecer – tirando o fato de que elas devem ficar de saco cheio com qualquer coisa -, devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum. Acredito até que ela nem mesmo exista.”⁴

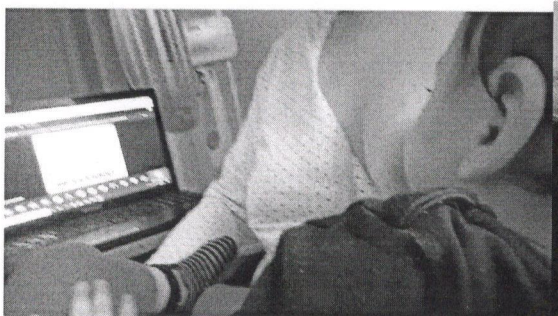
A imagem real das mães durante a quarentena é bastante distante:

⁴ Despentes, Virginie. Teoria King Kong. São Paulo: N-1 edições, 2016

Manhã tô com fome, manhã pode waffle?
Manhã posso jogar às quatro? Manhã quero

Por que tem que tomar banho todo dia?
Meu pai deixa eu ver


maesnaufgrs



Curtido por orianabruyantifa e outras pessoas

maesnaufgrs "Hoje iniciou-se oficialmente o semestre 2020/1 na UFRGS no modo ERE. Mesmo com todo um planejamento para assistir a primeira aula das 7h30 sozinha e pronta para fazer as minhas anotações comecei o primeiro turno acompanhada. Essa é a minha realidade como mãe estudante na UFRGS."
@thaisgsgamarra
Arquitetura e Urbanismo

maesnaufgrs



Curtido por costaisadoraa e outras pessoas

maesnaufgrs Mães a serviço do coletivo. Imagem da entrevista que não aconteceu, mas que rendeu a abordagem de pautas importantes para o acompanhamento do ERE pelas mães da UFRGS.
#MãesNaUniversidade #QuemSeguraAMãoDaMãe

bolo de chocolate!
Eu não quero brócolis!
Pode ter Donalds?
Eu quero ir na praichal!

TV depois do almoço

MANHÃ, MANHÃ, MANHÃ

É com M de Valentin?
Essa aula é chata!
Posso sair?



maesnaufgrs



Eu não quero ligar a câmera
Eu não quero aula hoje
Sapato é com X?

É passarão ou passaram? É bem diferente assistir aula no celular e ir na escola! Tô com saudade da vovó! Hoje a gente dorme no pai?
Tô com saudade dos meus amigos! Não quero dormir! Posso dormir com você? Não quero escovar os dentes!

maesnaufrgs Relato da @mafejacobus mãe do Pedro e estudante de ciências sociais:

"ERE pra quem?

Temos um grupo de mães e lá é consenso: ninguém tá dando conta. E vou dizer mais: não acho que a gente tinha que dar. A maioria de nós é mãe trabalhadora, enfrenta a carga de trabalho, os prazos pra cumprir, a casa pra manter. Muitas de nós já entenderam e desistiram, a UFRGS não é pra nós. Sabem pq? A primeira resposta que recebemos a tudo que eu disse ai em cima é "cancelem as disciplinas, tranquem o semestre". A gente sempre fica pra trás. Começa na dificuldade da licença maternidade, segue pra falta de estrutura (falta creche universitária, horários compatíveis... já viram que não existe banheiro com trocador?) e continua pra série de desrespeitos que aturamos. Isso não é individual, é estrutural da universidade, acontece com todas nós, o ERE é só mais uma expressão desse caráter excludente. Como assistiremos aulas síncronas se não podemos deixar nossos filhos desassistidos? Muitas de nós não tem rede de apoio, muitas são mãe solo. Como faremos avaliações síncronas? Quantas de nós terão que rodar? Quantas terão que abandonar a faculdade? Não peçam para que tenhamos que escolher entre nossos estudos e nossos filhos. Lutemos para que tenhamos direito a permanência, mesmo diante dessa conjuntura atípica. Chega de aula síncrona, chega de avaliações desmedidas e descompensadas com a nossa realidade. Por uma universidade que seja verdadeiramente nossa."

O início do Ere e do estágio remoto me veio eivado de sentimentos de insuficiência e da certeza de que não daria conta. Até que percebi que este mesmo era meu maior aprendizado nesta situação pandêmica: dar a ver meu eu-mãe. Ao invés de me sentir incapaz de acompanhar um ritmo e uma obrigatoriedade de presença síncrona e de produção intelectual que são excludentes da minha maternidade solo, colocar-me neste lugar de dizer "não". Ao invés de me colocar num lugar de fragilidade e incompetência, colocar-me neste lugar de resistência e luta: se a Ufrgs invade minha casa, que também minha casa invada esse lugar estéril, reduto patriarcal no qual, até ontem, mulheres sequer eram admitidas. Que no meio da reunião haja choro, que no meio da aula haja A, B, C. Que os seios invadam a academia.



“E, quando eu estava escrevendo aquela resenha, descobri que, se fosse resenhar livros, ia ter de combater um certo fantasma. E o fantasma era uma mulher, e quando a conheci melhor, dei a ela o nome da heroína de um famoso poema, “O Anjo do Lar”. Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel enquanto eu fazia as resenhas. Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher. Vocês, que são de uma geração mais jovem e mais feliz, talvez não tenham ouvido falar dela – talvez não saibam o que quero dizer com o Anjo do Lar. Vou tentar resumir. Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. Naqueles dias – os últimos da rainha Vitória – toda casa tinha seu Anjo. E, quando fui escrever, topei com ela já nas primeiras palavras. Suas asas fizeram sombra na página; ouvi o farfalhar de suas saias no quarto. Quer dizer, na hora em que peguei a caneta para resenhar aquele romance de um homem famoso, ela logo apareceu atrás de mim e sussurrou: “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura.”⁵

⁵ Woolf, Virgínia. Profissões para Mulheres In: Profissões para Mulheres e outros artigos Feministas. L&PM Pocket, 2012

ser mãe é padecer no paraíso



A mulher só é completa quando é mãe!

Que sorte a tua que o pai ajuda!



Mãe pensa nos filhos dia e noite!

Prólogo: esta construção somente foi possível pela orientação amorosa e acolhedora da minha Supervisora de Estágio, Oriana Hadler, que me inspira e apoia, estando atravessada por vivências semelhantes de trabalho em situação pandêmica e maternidade. Por maior a “desconstrução” de um homem, a vivência corporal de uma experiência nos aproxima empaticamente e torna-se referencial representativo que permite a visualização de uma comunidade. Eu sou o tear atravessado por muitas linhas – esta linha me conforta e fortalece.

Tu dá conta!

Mãe Guerreira!

É que mãe tem uma habilidade diferente! Consegue fazer várias tarefas ao mesmo tempo.

Uma escrita de fragmentos. A escrita dos fatos vividos é sempre limitada. Não se pode dar conta de forma exaustiva do cotidiano. Poderia-se escrever centenas de páginas sobre apenas um dia, se quisermos ser exaustivos e dar conta de todos os contextos vividos. A escrita do diário é entendida como parcial. Cada dia, o diário explora uma ou duas dimensões do que foi vivido.⁶

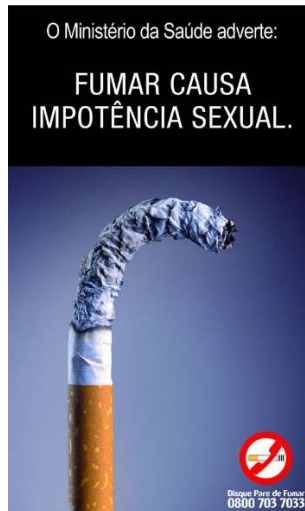
A gente identifica o choro do filho!

Mulher tem o chip maternidade!

Toda mulher sabe ser mãe! É um dom

⁶ REMI HESS e GABRIELE WEIGAND. A escrita implicada, In Revista Reflexões e Debates, Universidade Metodista de São Paulo, abril 2006.

ser mãe é instintivo!



Essa construção teórica refere-se ao pai, homem cis-heteronormativo - senhor de todos os senhores e de um sistema cis-heteropatriarcal que oprime todos os assujeitados que não se encontram na categoria universal homem branco cis-hétero.

Heteropatriarcado



O heteropatriarcado ou cis-heteropatriarcado é um sistema sociopolítico, no qual a heterossexualidade cisgênero masculina tem supremacia sobre as demais formas de identidade de gênero e sobre as outras orientações sexuais. [Wikipédia](#)

2 E o pai, cadê?

**A ciência é imparcial. O pesquisador deve se abster de seus juízos de valores.
Ser neutro.**

Meus dois filhos têm menos de 3 anos de diferença entre si. Quando eu tive meu segundo bebê, o primeiro também era um bebê. Em um domingo meu filho mais velho adoeceu, ficou acamado e eu, planejando ficar disponível pra ele, deixei o menor com o pai – que assistia futebol na televisão sentado no sofá da sala. Alguns poucos minutos depois o bebê começou a chorar e eu não fui até a sala buscá-lo, continuei no quarto com o filho adoentado. O pai veio até o quarto irritado e me perguntou rispidamente:

- Tu vai deixá-lo comigo **chorando**?

- Não, não! Ele só é teu filho quando está sorrindo – respondi.

As vezes a violência vem de quem deveria nos ouvir:

Antes de ter filhos eu trabalhava das 08 às 18h e estudava à noite. Quando decidimos engravidar, no entanto, eu “escolhi” [de dentro do aquário que habito] sair do emprego pra ficar com meus filhos. Não demorou muito pra eu perceber que ser mãe 24 horas era absurdamente mais exaustivo do que minha rotina anterior de três turnos. Exausta física e emocionalmente eu chorei no consultório da minha então psicóloga:

- Eu passo o dia inteiro com os guris. Quando o pai chega em casa eu estou cansada, dou o bebê no colo dele e ele fica por 5 minutos e diz: “agora pega que eu tô com fome”. Eu não só como e cozinho com o bebê no colo, eu lavo louça (desenvolvi uma técnica de apoiar o joelho e segurar o bebê pequenino com a perna elevada e o braço, enquanto lavava a louça com o outro braço disponível), eu tomo banho, eu vou ao banheiro com o bebê no colo. Ele não pode comer um sanduíche enquanto segura o bebê!

- Quem escolheu parar de trabalhar pra cuidar das crianças foi tu – disse-me a psicóloga

- Eu escolhi parar de trabalhar para cuidá-los, eu não escolhi criar meus filhos sozinha!

Mas estamos educando uma nova uma nova geração que será diferente¹:

Eram tempo pré-pandemia. Eu me separei. Meus filhos ficavam com o pai em finais de semana alternados e nas terças à noite (quando ele jogava futebol com os amigos e os meninos ficavam na quadra esportiva com a conta do bar liberada – coisa que adoram). Acompanhavam minha rotina: acordar, fazer café da manhã, ajudar nos temas, roupa pra lavar, a casa, a roupa, o almoço nutritivamente equilibrado, a guerra que segue a oferta do almoço nutritivamente equilibrado, fiscalizar os dentes, dirigir até a escola e correr pra faculdade pra uma aula que eu cheguei atrasada depois de deixá-los na escola, pois deveria estar nos dois locais ao mesmo tempo, assistir a aula, sair mais cedo a tempo de buscá-los na escola (que fica em outra cidade) e dirigir pra casa, assistir às duas horas de televisão que a sociedade brasileira de pediatria recomenda, enquanto eu faço janta, jantar, escovar os dentes, cama.

Cinco dias na semana, nossa vida é cumprir tarefas. Eles estão com o pai nos finais de semana e jogos de futebol.

“Sorte a minha ser menino né mãe? As mães tem que trabalhar, estudar e cuidar dos filhos. Os pais se divertem e bebem cerveja com os amigos.” – disse-me meu filho no carro à caminho da fonoaudióloga.

As mães estão sempre erradas!

Nossa rotina inclui duas horas de televisão. Meus filhos adorariam passar o dia inteiro em frente às telas – também eu adoraria: eles não demandam absolutamente nada quando estão em transe na frente da televisão, mas eu acredito que eles devam ter uma amplitude de experiências durante o dia, inclusive o tédio, que os leva a serem criativos na invenção de brincadeiras.

¹ “A socialização familiar, a educação escolar, a formação na empresa, esse conjunto de modalidades diferenciadas de socialização se combinam para a reprodução sempre renovada das relações sociais. As razões dessa permanência da atribuição do trabalho doméstico às mulheres, mesmo no contexto da reconfiguração das relações sociais de sexo a que se assiste hoje, continua sendo um dos problemas mais importantes na análise das relações sociais de sexo/gênero. E o que é mais espantoso é a maneira como mulheres, mesmo plenamente conscientes da opressão, continuam a se incumbir do essencial desse trabalho doméstico, inclusive entre as militantes feministas, sindicalistas, políticas, plenamente conscientes dessa desigualdade.” HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007 p. 607

- Daniela, eu queria falar contigo, tu é muito rígida com esse negócio de duas horas de televisão. Na casa do pai deles eles assistem TV o dia inteiro. Eles vão crescer e na cabeça deles vai ficar isso: o pai é legal, tu é a chata que não deixa nada – disse-me meu pai.

Que sorte a minha perceber – aqui, de fora - os engendramentos dessa máquina patriarcal.

Mas veja bem: não.

Essas linhas me constituem.

É bem verdade que o escritor
está sempre falando de si mesmo, porque
é somente através de nós mesmos que podemos nos aproximar
dos outros. Desnudando-nos,
procuramos fazer com que os
outros se incorporem ao nosso espaço de sedução. Estendemos as teias e desejamos
que o outro faça
parte delas,
não para devorá-lo, mas para que sinta perplexidade e faça a pergunta,
para que tome conhecimento
da possível qualidade do nosso fio-sedução;
caminhe conosco, num veículo que pode ser afetivo-odioso.

Hilda Hilst

Ser mãe é um nome, um conceito que, a partir de um fenômeno biológico, passa a me definir. Há um arcabouço teórico conceitual que, então, delimita automaticamente os interesses que devo ter, as características que devo ostentar, as qualidades que imediatamente devo adquirir. Ao forçar a saída do meu bebê através do canal vaginal

devo, por exemplo, colocá-lo frente a qualquer outro interesse que eu tenha na vida, devo ser a cuidadora abnegada que mesmo exausta me sinto plena. Todos os meus desejos devem estar submissos aos desejos de meu filho. Magicamente eu me torno multitarefas e dou conta de uma infinidade de tarefas concomitantes, afinal meu cérebro feminino é naturalmente programado à atenção dividida.

Uma palavra nunca é passiva, ela cria um mundo representativo que assujeita. A palavra “mãe” é o Instituto mãe. E milhares de anos de história institucional comprimem-se nessa palavra de 3 letras. Da mãe espera-se a perfeição cândida.

**SOMOS A FORÇA
CRIADORA DO UNIVERSO.
SOMOS AQUELAS QUE FAZEM
MÁGICA TODO SANTO DIA
PARA A VIDA FUNCIONAR,
MANTENDO UM SORRISO NOS LÁBIOS
E BRILHO NO OLHAR.
(CANSADAS, MEIO SURTADAS, MAS IMBATÍVEIS).**

Façamos uma pausa para pensarmos como construímos quem somos, de que forma agimos, como devemos ser. Guattari propõe que pensemos na subjetividade como algo precipuamente fabricado. Comparando a produção de subjetividade com uma fábrica de leite condensado, no qual se adicionam moléculas ao leite, adicionamos representações que operam “no próprio coração do indivíduo, em sua maneira de perceber o mundo (...)”². Assim, de acordo com Guattari, há de se falar em produção de subjetividade a partir de enunciados que produzem nossas relações sociais, em se tratando de um sistema capitalístico, de forma industrial.

No livro *Juventudes entre A & Z*, escrevi:

² GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 4ª Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996 p. 26

Corpo

Daniela Policarpo

Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUCRS, estudante de Psicologia na UFRGS, mãe do Lorenzo e do Valentin e estagiária no CIESS.

E-mail: d.policarpo@yahoo.com.br

Tendemos a entender o corpo como uma estrutura sólida com bordas bem definidas que diferenciam o eu do todo e de todo o resto. Nas aulas de ciências aprendemos que o corpo é um amontoado de células, órgãos e sistemas, desconsiderando que mãos agridem ou acariciam, pés correm pra longe ou permanecem, o coração bate mais forte por amor ou por medo, o corpo se encolhe por frio ou por tristeza. O corpo é o próprio todo, construído em relações, no encontro com o outro e com o mundo que se faz eu. Sempre em construção, constituídos de todas as estrelas cadentes que em um instante eternizaram-se em nossa pele, todos os livros lidos que em nós reverberam, a relva da grama na qual pisamos descalços, o tom de pele que cicatrizam nossas feridas, o cromossomo que determina o discurso que sobre nós incidirá no momento de nossa concepção. O corpo nada é em si mesmo, é sempre o encontro com o outro e os enunciados que vão se recortando do mundo e avolumam-se sobre nossa pele. "Seja magro"; "Alise seu cabelo"; "Não use roupas curtas"; "Comporte-se como uma menina"; "Isso não é coisa de mulher" acumulam-se sobre meu corpo mulher delimitando o que e quanto posso comer, como devo andar, de que assuntos posso falar. Deleuze (2015, p. 5) diria que "não há causas e efeitos entre os corpos: todos os corpos são causas, causas uns com relação aos outros, uns para os outros." Não

80

capturado pela moldura dos meus olhos, se sonho mar, é o cheiro salgado da maresia que me penetrou as narinas e fez-se memória, e só posso sonhar estrelas se me foi permitido um céu. Sonho vida. Sonho morte. Sempre ao norte daquilo que experienciei e que o mundo me tornou possível experimentar. *Sentir, tocar, ouvir*. Somos corpo instrumento e jamais compomos música sozinhos. Sempre orquestra. Não há isolamento na melodia: meu fazer influencia e é influenciado pelo fazer do outro. Somos parte de um todo, o próprio todo. Eu toco a música ou a música é que me toca? Não há sujeito e objeto. Só o verbo. Musicamos afetados conjuntamente pela melodia: fenômeno corpo. No corpo adolescente faz-se rebelião. Força e grito. Quer-se o novo. Tudo se movimenta dentro, pulsando por espaço, voz, autonomia, liberdade. Mas este corpo é trancado, oprimido. Mata-se juventude. Mata-se jovens. Mata-se negros. Mata-se pobres. E quando o corpo é tudo isso? Corpo é alvo: nascido marcado para não ter espaço, não ter voz, não ter liberdade. A alguns corpos é permitida a combustão adolescente, a outros não. Alguns corações batem seguros quando encontram polícia, outros disparam, pois sabem-se mira. Esculacho. Para alguns bala é doce, para outros amarga, fim precoce. "A carne mais barata do mercado é a carne negra, que vai de graça pro presídio" (SOARES, 2015). No encontro do meu corpo instrumento com o corpo da juventude em meu corpo faz-se música, permeável a estas histórias que não são minhas e não deixam de sê-las, eis que vibram em mim: estremeço. Torno-me o entremeio entre o que já não sou e o que ainda não sei ser. No meio. Entre. Entro. E sigo costurando-me, construindo-me em um processo que me foge onde vai desaguar. *Resisto*. Faço corpo ao coro que brada. E tal qual da resistência da lâmpada faz-se luz, coletivamente resistimos criando clareza: iluminando novos caminhos, novos fios a tecerem corpos, novos acordes de canções compartilhadas.

82

somos a consubstanciação de algo dado, vamos costurando-nos e construindo no encontro com corpos outros. Causando-nos mutuamente. Quando meu primeiro filho nasceu, acreditava que sabia o que era ser mãe e que meu filho seria por mim ensinado. Mas meu filho me ensinou talvez mais do que posso ensiná-lo: foi ele quem me fez mãe - não poderia sê-lo senão no encontro do meu corpo com o dele: que cresceu nas profundezas de minha barriga e projetou-se pra fora, tornando-se corpo próprio, independente do meu. Antes parte de mim, tão dentro como pulmão ou rim, agora corpo inteiro que me abraça ou me evita à sua própria vontade, que chora quando quero dormir e faz de meu peito alimento constante. É também nesse instante que novos recortes do mundo bordam-se em mim: ele deve ser minha prioridade, sou porto seguro (ainda que muitas vezes eu seja o próprio navio que deriva ou o mar que transborda). Corpo criador: *faz vida, alimenta vida*. Não somos ponto. Sempre linha que parte de mim pro mundo e do mundo pra mim. E de tantos outros vou-me tecendo, emaranhando, enosando. Há linhas de todas as cores espessuras e texturas a percorrerem meu corpo e subjetivo-me a partir dos novelos que me são disponibilizados em virtude de meu sexo, cor, classe social, do modo que amo, do que sou compelida a consumir, engolir, engasgar, das estações do ano, dos nãos de meu pai e das noites mal dormidas a ninar meus filhos. Teço caminhos possíveis no decorrer dos meus dias com os fios dos novelos que se fazem disponíveis: se me sonho professora, há em mim meadas de escola, de ensino, de aprendizagem, de infância e há também tempo e recursos que me permitem postergar a entrada no mercado de trabalho: comida na mesa, cadernos, lápis e livros. Folheio histórias com palavras que o mundo me dá. Só posso desejar o que tem nome e aquilo cujo nome chega até mim. Se sonho árvore é porque o verdejar das folhas que farfalham sob o toque macio da brisa já foi

81

Se nos construímos a partir de enunciados e se esperamos da mãe cuidado abnegado, doçura e perfeição, do pai espera-se o que?

No filme “A história de um casamento”, estabelece-se o seguinte monólogo:

“Vou te interromper aqui. As pessoas não toleram mães que bebem e dizem ao filho: ‘idiota’. Eu entendo, também faço isso. Nós podemos aceitar um pai imperfeito. O conceito de um bom pai só foi inventado há uns 30 anos. Antes era normal que os pais fossem calados, ausentes, pouco confiáveis e egoístas. É claro que queremos que eles não sejam assim, mas no fundo nós os aceitamos. Gostamos deles por suas imperfeições, mas as pessoas não toleram essas mesmas coisas nas mães. É inaceitável em nível estrutural e espiritual. Porque a base de nossa conversa judaico-cristã é Maria, a mãe de Jesus, que é perfeita. Ela é uma virgem que dá à luz, apoia incondicionalmente o filho e segura seu cadáver quando ele morre. O pai não aparece. Nem apareceu para a trepada. Deus está no céu. Deus é o pai e Deus não apareceu. Você tem que ser perfeita, mas Charlie pode ser um puto desastre. Você sempre será colocada no nível mais alto. Você é uma fodida, mas é assim que é.”

Essa delimitação conceitual dos institutos “pai” e “mãe”, qualitativamente diferenciados entre si, polarizados em virtude de sua disposição inata, segundo Ana Elizabeth Santos Alves, tem origem no contexto histórico de desenvolvimento do capitalismo. Segundo a autora o final do século XIX marcou a constituição de dois espaços distintos, privado e público, este excluindo as mulheres. As pesquisas médicas e biológicas – que apoiavam os discursos em vigor – comprovavam a existência de duas espécies distintas, com aptidões particulares: “aos homens o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão; às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos” (Perrot, 1988, p. 177). Para a autora, tais ideias definem a racionalidade da divisão sexual, atribuindo para cada um dos sexos tarefas e espaços específicos, reforçado pelo modo de produção capitalista, que estabelece que cabe ao homem a produção, à mulher o consumo e a ambos a reprodução, cabendo à mulher o espaço doméstico e de ‘dona de casa’, responsável pelo cuidado aos filhos e gerência da economia doméstica.⁴

⁴ ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 271-289, ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462013000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 mar. 2021.

Durante séculos, na égide de uma economia de subsistência, o trabalho produtivo e reprodutivo não sujeitou-se ao escalonamento hierárquico - que posteriormente desvalorizaria o trabalho doméstico, não monetizado. Todo trabalho equiparava-se, visando à sobrevivência familiar. No entanto, com o desenvolvimento capitalista, o trabalho doméstico passaria a ser invisibilizado.

Para Silvia Federici, havia unidade entre produção e reprodução na economia de subsistência predominante na Europa pré-capitalista que baseava-se na produção-para-o-uso. Com o surgimento do capitalismo, somente a produção-para-o-mercado definia-se como atividade criadora de valor, enquanto a atividade reprodutiva deixou de ser considerada um trabalho, pois não tinha valor do ponto de vista econômico. Ainda que o trabalho reprodutivo continuasse sendo pago quando realizado para os senhores ou fora do lar, o era em valores inferiores. A importância econômica da atividade reprodutiva doméstica e sua função na acumulação do capital tornaram-se invisíveis através da mistificação da atividade como uma vocação natural da mulher. Neste contexto, as mulheres foram excluídas de ocupações assalariadas e, segundo a autora, ganhavam uma miséria em relação ao salário masculino médio quando trabalhavam em troca de pagamento.⁵

As relações de poder entre gêneros são, assim, organizadas através desta separação biológica de aptidões naturais, que sustenta a divisão sexual do trabalho, que, segundo Helena Hirata e Danièle Kergoat, é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos, modulada histórica e socialmente, mas sobretudo o fator que possibilita prioritariamente a sobrevivência da relação entre os sexos, designando ao homem a esfera produtiva – de maior valor social adicionado: político, religioso, militar, entre outros - e à mulher a esfera reprodutiva.

Para as autoras essa divisão organiza-se através dos princípios da separação (trabalhos de homens X trabalhos de mulheres) e hierárquico (o trabalho do homem tem maior valor que o trabalho da mulher), sendo válidos para todas as sociedades, independentemente do tempo e do espaço, sendo legitimadas pela ideologia naturalista

⁵ FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017 p.145

que rebaixa o gênero ao sexo biológico e reduz práticas sociais a papéis sociais sexuados que reportam-se ao destino natural da espécie.⁶

Através de discursos médicos, biológicos, psicológicos e demais aparatos, passa-se a preencher a díade homem-pai/mulher-mãe, com um saber científico que os coloca em posições delimitadoras das fronteiras que a um e outro sexo é possível habitar: ao homem, detentor do cérebro e da racionalidade, o poder produtivo, lucrativo, socialmente valorizado; à mulher, detentora do coração e afeto, o campo reprodutivo no qual as horas dedicadas ao trabalho doméstico e de cuidado são expressão do amor.

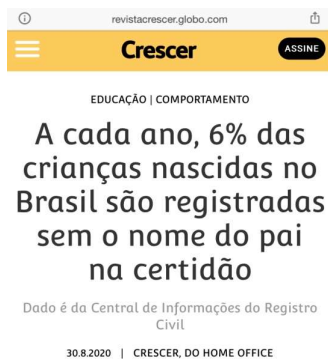
Este é o fértil e vantajoso terreno no qual criam-se as noções de mater-paternidade, que dá ao homem, liberdade da responsabilidade de arcar com o sustento e manutenção da própria vida, tendo em vista que do outro lado está a mulher, a quem se destina a mão de obra não remunerada de cuidado do outro (expropriação do trabalho⁷).

Da mãe espera-se o amor, traduzido quase exclusivamente na forma de prestação de serviços. Façamos uma pausa pra refletir quem é socialmente considerada uma boa mãe: aquela que alimenta o filho (cozinheira), mantém suas roupas limpas (lavadeira), auxilia em sua educação (professora), leva e busca do colégio pontualmente (motorista) ou aquela que enche de afagos e beijinhos? Creio que aquilo que consideramos essencial à “boa maternidade” está muito mais ligado a uma prestação de serviços não remunerada do que ao afeto propriamente.

Do pai espera-se o que?

⁶ HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007 p. 599

⁷ “O que se deduz desse panorama é que a violência foi a principal alavanca, o principal poder econômico no processo de acumulação primitiva, porque o desenvolvimento capitalista exigiu um imenso salto na riqueza apropriada pela classe dominante europeia e no número de trabalhadores colocado sob o seu comando. Em outras palavras, a acumulação primitiva constituiu uma imensa acumulação de força de trabalho – “trabalho morto”, na forma de bens roubados, e “trabalho vivo”, na forma de seres humanos postos à disposição para sua exploração – colocada em prática numa escala nunca antes igualada na história.” FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017 p.121



A utilização de discursos científicos como equipamento para produção de modos de vida moldados ideologicamente é uma estratégia de controle de corpos que, embora antiga, jamais saiu de moda:

O desenvolvimento da “ciência das atitudes” exemplifica a maneira como problemas de governo são reformados nos termos da linguagem nascente da psicologia social, com o objetivo de fazê-los mais maleáveis para que sejam encontradas soluções. “Atitude” apareceu pela primeira vez em *The polish peasant* (1918) de Thomas e Znaniecki: os autores argumentavam que a ciência social precisava responder à desorganização gerada pelas mudanças sociais através do desenvolvimento de técnicas de controle racionais, baseadas em um conhecimento que daria base àquilo que chamaram de “tecnologia social”, que aplicaria o conhecimento acumulado pelos cientistas sociais a situações práticas:

É teoricamente possível saber quais influências sociais devem ser aplicadas a certas atitudes já existentes, com o objetivo de criar novas atitudes, e quais atitudes devem ser desenvolvidas levando em consideração certos valores sociais já existentes, com o objetivo de fazer o indivíduo ou o grupo produzir novos valores sociais. Não existe um único fenômeno em toda a esfera da vida humana que o controle consciente não consiga alcançar mais cedo ou mais tarde. (1918, p. 66-67).⁸

A tradicional divisão sexual do trabalho estremeceu-se, no entanto, com a entrada da mulher no campo do trabalho profissional. Em 2019 a taxa de participação feminina na força de trabalho era de 54,5%⁹. As mulheres, portanto, passaram a realizar o trabalho

⁸ ROSE, Nikolas. Psicologia como uma ciência social. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 155-164, Aug. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 abr. 2021.

⁹ SILVEIRA, Daniel. Participação de mulheres no mercado de trabalho tem 5º ano de alta, mas remuneração segue menor que dos homens, diz IBGE. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/04/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-tem-5o-ano-de-alta-mas-remuneracao-segue-menor-que-dos-homens-diz-ibge.ghtml> Acesso em 02 abr 2021

produtivo. Essa alteração na tradicional divisão sexual do trabalho contudo não teve o mesmo reflexo no trabalho reprodutivo. Helena Hirata expõe dados da pesquisa Uso do Tempo de 2010 na França, conclui pela permanência da desigual divisão do trabalho doméstico e de cuidado entre homens e mulheres. Apesar de haver uma leve diminuição do tempo empregado ao trabalho doméstico pelas mulheres, isso relaciona-se à diminuição do trabalho doméstico pelas próprias mulheres, muito mais do que a um aumento do tempo empregado no trabalho doméstico pelos homens. Retomando dados da pesquisa de 1999, que mostrava que cerca de 80% do trabalho doméstico era realizado por mulheres, conclui que nada mudou em 2010: as mulheres continuam responsáveis pelos mesmos 80%. Um terço deste tempo destinam-se ao cuidado das crianças. As mães destinam em média duas vezes mais tempo ao cuidado das crianças do que os pais, proporção ainda mais aprofundada em casas que existem a partir de 3 crianças ou em que vivam crianças menores de 3 anos.¹⁰

Do pai já não se espera o sustento familiar, tampouco o cuidado com os filhos e com a casa... Do pai espera-se o que?

Bernardo Jablonski ao investigar como se dá a negociação de tarefas domésticas, entrevistou 20 membros de casais heterossexuais com pelo menos um filho e percebeu que:

As mulheres afirmaram que os homens, em sua grande maioria, não fazem nada em casa, em poucos casos, executam algum conserto ou concedem algum tipo de ajuda, e apenas quando solicitados. Embora essa situação pareça injusta, já que muitas vezes a mulher tem igual ou quase igual carga de trabalho fora de casa, no discurso feminino, nem sempre aparece um sinal claro de inconformidade com tal situação. Anos de socialização distinta, em consonância com a perspectiva de gênero, parecem ter inculcado, mesmo em mulheres de alto nível de escolaridade, de classe média e antenadas com os discursos da pós-modernidade, a noção mais tradicional de que tarefas domésticas não precisam mesmo ser divididas igualmente entre os sexos.¹¹

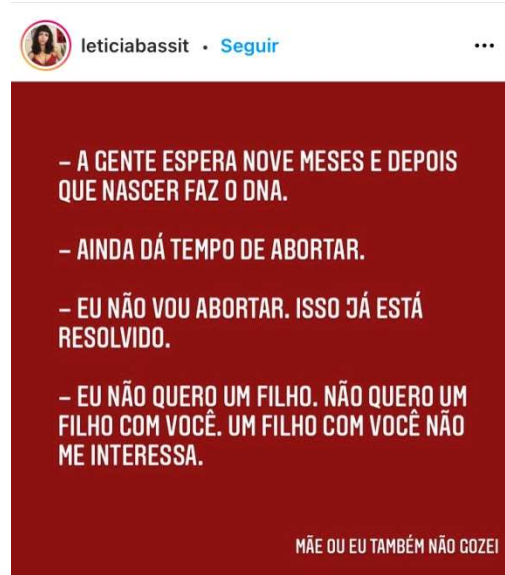
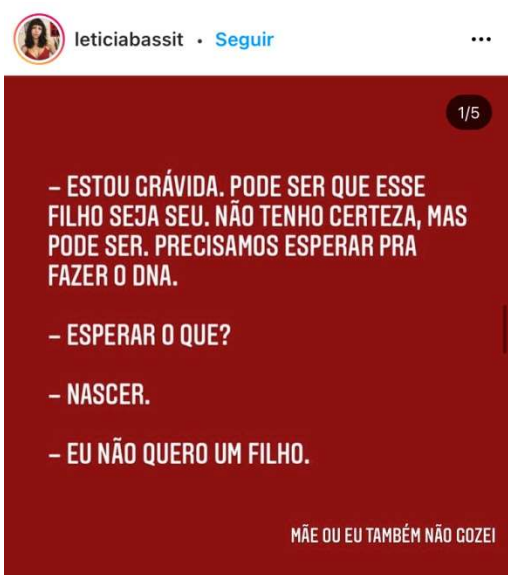
Surpreende-se ao não observar um “aumento considerável de conflitos na relação marital”¹².

¹⁰ HIRATA, Helena. Mudanças e Permanências nas Desigualdades de Gênero. Disponível em <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12133.pdf> Acesso em 01 abr. 2021

¹¹ JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 Abr. 2021.

¹² Ibid.

Leticia Bassit, escritora do livro “Mãe ou eu também não gozei”, publica trechos de seu livro em seu perfil do Instagram:

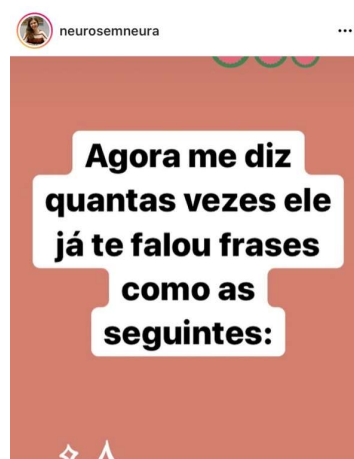
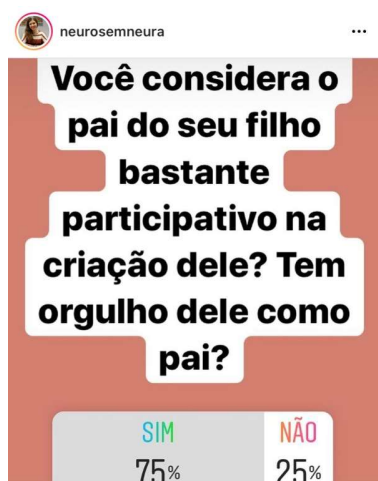


Ao pai, possibilita-se querer ou não ser pai (independentemente de biologicamente sê-lo) e também se faculta o envolvimento com o filho na medida de seu desejo. Bernardo Jablonski explica que:

Pleck (1997) confirma, em suas pesquisas, que a mulher tem convocado – ou ao menos tentado – cada vez mais seu companheiro a participar dos cuidados com os filhos. O autor encontrou fatores que podem ajudar o envolvimento do pai, como, por exemplo, a idade (filhos pequenos sensibilizam mais do que adolescentes), o sexo dos filhos (meninos também parecem receber mais atenção dos pais) e o dia da semana (fins de semana parecem o período mais apropriado para que o pai exerça a sua função).¹³

É possível, assim, escolher ser pai aos sábados quando o filho, menino, tem 7 anos (consultar, no entanto, a previsão do tempo, se estiver chovendo, tenho dúvidas).

Frente aos pais que somem, que sequer são conhecidos, que inexistem e ao romantismo da mãe guerreira, aquela que faz mágica todo dia para a vida funcionar, orgulhamo-nos da dependência paterna e exigimos muito pouco da paternidade. De quem nada se espera, qualquer participação é ajuda, a qual recebemos com comovida gratidão: Temos orgulho dele como pai (embora não saibamos bem apontar por que):



¹³ Ibid.

neurosemneura

Percebi que a unha do nosso filho estava grande. Já cortei.

SIM	NÃO
22%	78%

neurosemneura

Vi que o estoque de fralda/lenço umedecido/ shampoo estava acabando, passei na farmácia voltando do trabalho e comprei.

SIM	NÃO
43%	57%

neurosemneura

A vacina tal está em falta né? Estou ligando direto para a clínica / posto de saúde para saber quando vai chegar.

SIM	NÃO
20%	80%

neurosemneura

Comprei aqui uma lembrancinha pro dia dos professores / amigo que vai fazer aniversário esse final de semana.

SIM	NÃO
10%	90%

neurosemneura

Já está na hora de consulta com o pediatra/dentista/ oftalmologista marquei para o dia tal.

SIM	NÃO
18%	82%

neurosemneura

Amor olha que texto legal sobre criação com apego / educação não violenta / amamentação que li no instagram. Te marquei lá.

SIM	NÃO
19%	81%

neurosemneura

Olhei as gavetas e vi que ele está precisando de calcinha/sapato/casaco vou aproveitar a manhã de sábado e sair para comprar.

SIM	NÃO
14%	86%

neurosemneura

Acabei de mandar uma mensagem pro meu chefe/ colega de trabalho avisando que vou faltar amanhã para ficar com nosso filho que está com febre. (Se trabalha por conta própria substitua por desmarquei minha agenda).

SIM	NÃO
37%	63%

3 A psicologia como ferramenta de legitimação do dispositivo de maternidade

- Sabe que eu tenho adorado escrever o TCC, quando eu paro pra ler e escrever sobre o assunto, é prazeroso. Nunca imaginei que escrever um TCC pudesse ser assim...
- Quando escrevemos sobre algo que amamos ou que odiamos, é sempre mais fácil escrever. Acho que a maternidade pra ti é isso: algo que tu ama e odeia.

Quando engravidei do meu filho, eu voltei rapidamente pra terapia. Baseada na minha própria história de traumas infantis, eu queria ter certeza de que faria tudo certo com meus filhos. Queria ter alguém, detentor da receita infalível da criação de filhos, conferindo, examinando, validando a correção da minha prática materna, em outras palavras, se estava sendo a excelente mãe que eu desejava ser. E quem seria o profissional detentor desta fórmula secreta? O psicólogo, obviamente.

Existe uma forma correta de se educar crianças. Aqui reside a beleza da psicologia: os médicos são guardiões da vida, os advogados da lei, os psicólogos da fórmula secreta de criação infantil. Após os cinco anos de formação universitária, não recebemos apenas um diploma, mas antes a chave mestra do Universo. Dentro de alguns meses eu terei formação universitária em mãe perfeita!

Eu só aprendi sobre o sujeito suposto saber¹⁴ quando já era tarde demais pra largar o curso e já havia investido tempo demais na minha formação universitária pra sair de lá sem um canudo. Entrei na Universidade porque queria eu mesma ser a detentora deste saber, não mais me submeter a alguém que uma vez por semana me dissesse se eu fiz ou não tudo corretamente, mas ter certeza de que estava, de fato e absolutamente, fazendo tudo corretamente.

¹⁴ “Assim, para que a referida situação entre analista e analisante ocorra, faz-se necessário um corte, cuja função é propiciar a emergência da relação transferencial. Nesta relação o analista ocupa uma posição. Ele se coloca em determinada posição e é preciso que seja posto em um lugar pelo analisante. O analista ocupa, de acordo com o analisante, a posição de um saber. Este último atribui ao analista uma condição e um poder, o de conduzi-lo a um saber.” GIANESI, Ana Paula Lacorte. *Psicanálise e pesquisa*. Psicologia USP [online]. 2004, v. 15, n. 1-2, p. 169-182 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100018>>. Acesso em 26 Junho 2021.

Maria Martha de Luna Freire fala da maternidade científica como ideologia e técnica, implementada na sociedade norte-americana desde o final do século XIX, que apontava para a necessidade de treinamento das mulheres para a maternidade, superando práticas primitivas baseadas no instinto. A maternidade tornou-se, assim, profissão feminina, objeto de formação técnica específica. Tal prática exigia a inserção da mulher num universo científico e racional, deslocado do âmbito estritamente doméstico. A autora salienta, no entanto, que tal deslocamento gerava certa tensão interna, pois atualizava em substância a função maternal, sem desconsiderá-la inerente à natureza feminina.¹⁵

O cenário beira ao absurdo: nasci para ser mãe, mas não sei sê-lo, consubstanciando assim um dom para o qual necessito grande investimento intelectual e formação profissional. O não seguimento do imperativo causaria resultados sombrios: desajuste e adoecimento mental daqueles a que mais amo. Qualquer que seja meu comportamento, se não for perfeitamente correto, estará fundamentalmente corrompendo o desenvolvimento saudável dos meus filhos. Sou mãe há mais de 10 anos. Sinto-me permanentemente neste lugar que exige cuidado extremo e delicada cautela. Não parece estressante? Tão estressante quanto a profissão de controlador de tráfego aéreo, a que todo e qualquer erro é fatal e se lhe exige total atenção constante? Não parece ainda mais estressante? Pois a fatalidade se destinaria àqueles por quem eu mesma morreria sem pensar?

A maternidade é algo que eu amo e odeio. Que me coloca constantemente nesse lugar de sobreaviso, como se a qualquer deslize algo trágico fosse indefectivelmente ocorrer. E, espero não causar nenhuma surpresa espantosa ao leitor agora: eu sou humana! Pateticamente humana! Eu erro e perco a paciência muito mais vezes do que gostaria ou que consideraria cabível à mãe perfeita que eu planejei ser. Mesmo com tantos anos de formação na área, veja só.

O papel prescritivo da psicologia quanto à maternidade é evidenciado por Valeska Zanello para quem a psicologia deu seu quinhão para a construção do conceito de maternidade através da ideia de higienização e controle de afetos, prescrevendo o que seria uma boa mãe e os efeitos nefastos de uma mãe má, ressaltando que o viés da psicologia enfatiza a preocupação com a criança e os efeitos da maternidade em sua

¹⁵ FREIRE, Maria Martha de Luna. Mulheres, mães e médicos. Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese de doutorado. p. 50 Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/19793/2/34.pdf> Acesso em 26 jun 2021.

constituição, sendo a mãe apontada como o fator principal na formação da criança e havendo uma patologização da infelicidade e insatisfação no exercício da maternidade.¹⁶

Citando estudo de Paula Caplan, a autora revela que de todas as publicações acerca do tema “maternidade” pela APA nos últimos 10 anos, em média 60% indicavam as consequências da maternidade sobre a criança, sendo a maternidade interpretada, via de regra, como causadora de distúrbios psicológicos (sendo mães cuidadosas apontadas como intrusivas e não cuidadosas como negligentes): ao final do estudo 72 transtornos mentais foram relacionados como decorrentes da maternidade.¹⁷

A exemplo, a mãe poderá ser esquizofrenizante (sendo fria e ausente ou superprotetora e onipresente):

“Observação clínica relevante é de que as estimulações sensorial e afetiva ausentes ou precárias durante a infância parecem predispor à esquizofrenia, o que sugere a possibilidade de que perdas sinápticas por desuso estejam envolvidas na etiopatogenia da doença. O modelo hipotético da “mãe esquizofrenizante”, fria e ausente ou superprotetora e onipresente, surgiu a partir dessas observações e representa, talvez, o procurado ponto de intersecção entre as visões psiquiátrica e psicanalítica da gênese da doença. Neste contexto, parece plausível aventar-se a hipótese de que a psicose resultaria do desenvolvimento precário ou ausente do que se poderia chamar as “vias sinápticas da afetividade”, dentro do sistema dopaminérgico-mesolímbico-cortical, conseqüente à falta de estímulos adequados durante a primeira infância devida a um “banho libidinal” pobre por parte da mãe ou de sua substituta.”¹⁸

Podendo também ser a causadora do autismo:

Nas primeiras décadas de estudo do autismo – mais especificamente no período marcado entre os anos 1940 e 1960 –, as teorias de base psicanalítica predominaram na explicação do fenômeno (Castela, 2013; Joseph, Soorya, & Thurm, 2016). Salvo as singularidades expressas pelos autores, de maneira geral, o autismo era definido como uma perturbação afetiva, cujo agente desencadeador era o mau relacionamento mãe-filho (Castela, 2013). Tal forma de compreender o fenômeno colaborou para inserir as mães no centro do debate sobre o tema, caracterizando-as como “más”, “frias” e “pouco amorosas”, ou,

¹⁶ ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24590/1/CAPITULO_DispositivoMaternoProcessos.pdf Acesso em 26 jun 2021 p 115 a 117

¹⁷ CAPLAN, Paula Apud ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24590/1/CAPITULO_DispositivoMaternoProcessos.pdf Acesso em 26 jun 2021 p 116

¹⁸ COUTINHO, Alberto Henrique Soares de Azeredo. Schreber e as psicoses na psiquiatria e na psicanálise: uma breve leitura. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 27, n. 52, p. 51-61, set. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952005000100008&lng=pt&nrm=i>. Acesso em 26 jun. 2021.

simplesmente, como “mãe-geladeira” (Donvan & Zucker, 2017; Grinker, 2010; Lima, 2014; Silverman & Brosco, 2007).¹⁹

Para o exercício de uma maternidade suficientemente boa, é necessário que a mãe entre em estado de profunda identificação com o bebê:

É comum, no entanto, que algumas mães não consigam desprender-se de sua identidade habitual, e não alcancem o estado de *preocupação materna primária*. Frequentemente, a genitora que não pôde, por qualquer razão, entrar no estado de profunda identificação com o bebê, encontra dificuldades, ao longo do desenvolvimento da criança, para adequar-se às suas necessidades (Winnicott, 1956/2000). O contrário também pode acontecer, ou seja, a puerpera se *perder* neste estado, permanecendo nele por muito mais tempo após o parto, podendo chegar a casos patológicos. Em ambas as possibilidades, é válido afirmar que o bebê não teve maternagem *suficientemente boa*.²⁰

A psicologia é cruel com a mãe, não é? Primeiro por sequer enxergá-la como um sujeito em si mesmo, sempre o é sujeito em relação ao filho: aquela que cuida, aquela que constitui, sempre em relação ao outro. Segundo que, apesar de toda a abnegação, ela nunca será boa: se é cuidadosa é intrusiva, se descuidada negligente. A causa da esquizofrenia é tanto a frieza e a ausência, como superproteção e onipresença. Existe uma régua meticulosa de comportamento sobre a qual a mãe deve sempre movimentar-se. Sempre alerta. Sempre alerta!

Eu me separei com dois filhos pequenos. O mais novo tinha dois anos. Eu saí com as crianças da casa da família porque não teria condições financeiras de mantê-la, tendo em vista que minha situação econômica decairia drasticamente. Aluguei um apartamento. Fazia quatro disciplinas no turno da noite, chegava em casa às 22h pra ouvir o filho pequeno desesperado pra “voltar pra casa” porque aquela não era a casa dele. Eu estava despedaçada. Grande parte do que eu era, deixava de ser. Estava em luto por mim mesma. Pela minha própria morte. Pela morte de um futuro certo que nunca mais se concretizaria. No entanto o que mais ouvi dos **meus familiares** neste período foi que as crianças

¹⁹ LOPES, Bruna Alves Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 20081. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2020, v. 26, n. 3 pp. 511-526. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0169>>. Epub 21 Ago 2020. ISSN 1980-5470. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0169>. Acesso em 26 jun 2021

²⁰ IUNGANO, Elisa Motta; TOSTA, Rosa Maria. A realização da função materna em casos de adoecimento da criança. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 100-119, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 jun. 2021.

estavam desarrumadas, que as roupas estavam velhas e rasgadas, que eu sempre os tinha arrumado tão bem, com camisa e calça jeans, e agora eles andavam com calças de moletom surradas.

Eu perdi o privilégio de ser sujeito. Meu papel, segundo essa linha de força que psicologiza as relações familiares, é sempre em relação a eles.

Solange Maria Sobottka Rolim de Moura e Maria de Fátima Araújo discorrem sobre a profissionalização da gravidez nos anos 80 e o ingresso dos especialistas em psicologia na construção e divulgação deste “paradigma alternativo” na concepção da maternidade, favorecendo uma postura de afastamento e crítica (superficial) que supostamente incentivariam um desejo individual relacionado à maternidade. A nova ideologia colocava-se como uma possibilidade de liberação frente a condutas e valores antigos e, porque tais estratégias eram percebidas como parte do desejo do próprio sujeito, a adesão às normativas era favorecida.²¹

Rememoremos a já citado trecho:

É teoricamente possível saber quais influências sociais devem ser aplicadas a certas atitudes já existentes, com o objetivo de criar novas atitudes, e quais atitudes devem ser desenvolvidas levando em consideração certos valores sociais já existentes, com o objetivo de fazer o indivíduo ou o grupo produzir novos valores sociais. Não existe um único fenômeno em toda a esfera da vida humana que o controle consciente não consiga alcançar mais cedo ou mais tarde. (1918, p. 66-67).²²

Quando retornei pra Universidade há quatro anos estava eu seguindo um script que eu sequer conhecia. Apesar de considerar uma escolha corajosa, algo que estava fazendo por realização pessoal, na verdade eu estava desempenhando a maternidade científica que esperava-se de mim. Do eu-mãe. Eu-mãe sou uma efabulação. Escrita não por mim mesma, mas por esse discurso que opera em mim inconscientemente. Esse discurso para o qual a psicologia opera como ferramenta.

²¹ MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. *Psicologia, ciência e profissão*, 2004, 24 (1), 44-55. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3sCV35wjck8XzbyhMWNhrzG/?lang=pt> Acesso em 27 jun 2021. p. 52

²² ROSE, Nikolas. Psicologia como uma ciência social. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 155-164, Aug. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 Abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000200002>.

Eu. Que sempre me considereei tão autêntica. Sou uma fábula. Sorridente, dócil, serena, guerreira, cientista.²³

O que desejo que reverbere em ti (se permite-me desejar qualquer coisa) é a crítica reflexiva sobre nossas próprias práticas, precipuamente no exercício de nossas práticas psicológicas. Seremos ferramenta de culpabilização da mulher-mãe? Frente a enunciados e disciplinas tão bem engendrados e articulados, como podemos fazer com que nossa prática produza tensionamentos que desnaturalizem o que está posto e instituído no exercício de nossos campos de saber? Como produzir escapes que possibilitem vislumbres de outros possíveis? De que forma podemos produzir resistência estando nós mesmos preenchidos e atravessados pelos discursos da boa maternidade e da culpabilização materna? Como estabelecer uma crítica através da borda de meus olhos, que me fazem moldura ao mundo – que está fora e também dentro?

Espero não lhe frustrar, após a leitura de tantas linhas, com a inexistência de respostas - apenas questionamentos. Que possamos nos questionar, sempre. Não pegue minha mão, não me siga. Eu também não sei onde estou indo.

²³ “A subjetividade, o sujeito, para Foucault, envolve um processo de subjetivação, visto que, segundo suas próprias, não existe constituição do sujeito moral sem modos de subjetivação (Foucault, 1984, p. 28), ou seja, toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente peculiares de se fazer a experiência do si (subjetivação). Toda subjetividade expressa algo de impessoal porque supõe processos de subjetivação onde se dá a repartição de singularidades de que fala Deleuze, como vimos acima. Assim, para valermos-nos da precisa terminologia deleuzeana, a subjetividade é um efeito massivo que provém de um processo singular. Os saberes e os poderes de todos os tempos procuram domar os processos de subjetivação, mas estes lhes escapam perfazendo uma história de resistência relativa à vida, pois o ponto mais intenso das vidas, onde se concentra sua energia, fica exatamente ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças e escapar de suas armadilhas (Foucault, 1977, citado em Deleuze, 1986, p. 101”. CARDOSO JR., Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18(3). Disponível em

A filosofia é o movimento pelo qual nos libertamos – com esforços, hesitações, sonhos e ilusões – daquilo que passa por verdadeiro, a fim buscar outras regras do jogo. A filosofia é o deslocamento e a transformação das molduras do pensamento, a modificação dos valores estabelecidos, e todo o trabalho que se faz para pensar diversamente, para fazer diversamente, para tornar-se diferente do que se é. (...) É preciso acrescentar: é um modo de perguntar-se: se esta é a relação que temos com a verdade, como devemos comportar-nos?

Michel Foucault²⁴

²⁴ FOUCAULT, Michel. O filósofo mascarado. Disponível em <http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2002/fe190d/texto08.htm> Acesso em 27 jun 2021

Conclusão

Frente a este contexto profundamente adoecedor que se coloca como plano de fundo (de meio e de superfície) para exercício da maternidade, conjecturamos que o único modo de modificarmos estruturalmente a sociedade para que enseje uma maior amplitude de possibilidades de vivência da mater-paternidade, retirando a mulher-mãe da sobrecarga da prescrição da perfeição e o homem-pai da condição de dependência, passaria necessariamente pelos seguintes aspectos:



CENSURADO

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 2, p. 271-289, ago. 2013 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462013000200002&lng=pt&nrm=iso

CARDOSO JR, Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18(3). Disponível em [https://www.scielo.br/j/prc/a/mgDJP8Myg7ZgxnnWGq8fcSQ/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20subjetividade%2C%20o%20sujeito%2C%20para,\(Foucault%2C%201984%2C%20p.](https://www.scielo.br/j/prc/a/mgDJP8Myg7ZgxnnWGq8fcSQ/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20subjetividade%2C%20o%20sujeito%2C%20para,(Foucault%2C%201984%2C%20p.)

CORSO, Diana e CORSO, Mário. A maternidade possível In *A psicanálise na Terra do Nunca: Ensaio sobre a Fantasia*. Porto Alegre: Penso, 2011

COUTINHO, Alberto Henrique Soares de Azeredo. Schreber e as psicoses na psiquiatria e na psicanálise: uma breve leitura. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 27, n. 52, p. 51-61, set. 2005 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952005000100008&lng=pt&nrm=iso

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: N-1 edições, 2016

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017

FOUCAULT, Michel. O filósofo mascarado. Disponível em <http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2002/ fe190d/texto08.htm>

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos. Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)*. Tese de doutorado. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/19793/2/34.pdf>

GIANESI, Ana Paula Lacorte. *Psicanálise e pesquisa*. *Psicologia USP* [online]. 2004, v. 15, n. 1-2 p 169-182 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100018>

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 4ª Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996

HIRATA, Helena. Mudanças e Permanências nas Desigualdades de Gênero. Disponível em <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12133.pdf>

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007

IUNGANO, Elisa Motta; TOSTA, Rosa Maria. A realização da função materna em casos de adoecimento da criança. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 100-119, jun. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415711X2009000100009&lng=pt&nrm=iso.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200004&lng=en&nrm=iso

LOPES, Bruna Alves. Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008.1. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2020, v. 26, n. 3 pp. 511-526. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0169>.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. *Psicologia, ciência e profissão*, 2004, 24 (1), 44-55. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3sCV35wjck8XzbyhMWnhrzG/?lang=pt>

POLICARPO, Daniela. Corpo. In *Juventudes: entre A & Z* [recurso eletrônico]/ organizadores: Maurício Perondi ... [et al.] – 1.ed – Porto Alegre: CirKula, 2020 p. 80-82

HESS, Remi e WEIGAND, Gabriele. A escrita implicada In *Revista Reflexões e Debates*, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

ROSE, Nikolas. Psicologia como uma ciência social. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 155-164, Ago. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000200002&lng=en&nrm=iso.

SILVEIRA, Daniel. Participação de mulheres no mercado de trabalho tem 5º ano de alta, mas remuneração segue menor que dos homens, diz IBGE. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/04/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-tem-5o-ano-de-alta-mas-remuneracao-segue-menor-que-dos-homens-diz-ibge.ghtml>

WOOLF, Virgínia. Profissões para Mulheres In Profissões para Mulheres e outros artigos Feministas. L&PM Pocket, 2012

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24590/1/CAPITULO_DispositivoMaternoProcessos.pdf